

TECNOLOGIAS DIGITAIS NA COMUNICAÇÃO E NA INTEGRAÇÃO EDUCACIONAL E INTERCULTURAL: DESAFIOS GLOBAIS CONTEMPORÂNEOS

--

DIGITAL TECHNOLOGIES IN COMMUNICATION AND EDUCATIONAL AND INTERCULTURAL INTEGRATION: GLOBAL & CONTEMPORARY CHALLENGES

Maria Natália RAMOS

CEMRI, Universidade Aberta, Portugal

natalia@uab.pt

Ana Cristina LOPES

Universidade Aberta, Portugal

acd.lopes11@gmail.com

Resumo

Em 2020, com o surgimento da pandemia COVID-19, o mundo foi confrontado com mudanças drásticas que originaram desafios, transversais à sociedade. Evidenciaram-se desigualdades sociais existentes entre países e nos países, com maior reflexo nos grupos mais vulneráveis, em situação de pobreza ou migração. Estes desafios refletiram-se particularmente na área da educação, salientando-se as vulnerabilidades do modelo educativo existente. Face a uma crise sem precedentes, destacaram-se as potencialidades decorrentes do uso das tecnologias digitais, da adaptação da comunidade educativa, assim como, a resiliência de docentes e estudantes. Este texto acentua a importância do uso das tecnologias digitais, enquanto facilitadoras da integração educacional e intercultural. As tecnologias digitais no ensino permitem integrar alunos provenientes de diferentes países e culturas, preparando-os para a realidade de um mundo de trabalho global, plural e mutável. Este método, apesar de mais próximo da realidade social, tem as limitações, sendo mais adaptado a determinados públicos-alvo e exigindo que o aluno tenha uma capacidade de organização e automotivação elevada. O ensino tradicional, ao estimular a relação mais próxima entre o docente e o aluno, cria uma rede de segurança ao aluno, não o deixando tão dependente de si próprio, obrigando-o a manter uma rotina de aprendizagem constante. Ensinar e aprender, a distância ou presencialmente, são realidades distintas. O objetivo é identificar os pilares de cada modelo, os pontos fortes e os constrangimentos. Importa aproveitar os desafios que a pandemia impôs como oportunidades, implementando políticas adequadas, soluções inovadoras, apoiando os professores, capacitando-os e melhorando as suas competências, assim como a dos seus alunos, promovendo a formação no domínio tecnológico (Ramos, 2016; Ramos & Lopes, 2021). Numa era de globalização e crescente multi/interculturalidade assente numa evolução tecnológica sem precedentes, o in(sucesso) do ensino, da aprendizagem e da sociedade, dependem da definição de políticas, metodologias abertas, inclusivas e flexíveis, que integrem a diversidade social e cultural em que vivemos, e, sejam adaptáveis a situações adversas e atípicas. Aproveitar estes ensinamentos para desenvolver políticas sustentáveis pode não só ajudar a ultrapassar a crise atual, como a prepararmo-nos para novas adversidades futuras, diminuindo as desigualdades e tornando o ensino cada vez mais inclusivo e de qualidade.

Palavras-chave: Globalização, Interculturalidade, Educação, Tecnologias Digitais.

Abstract

In 2020, with the emergence of the COVID-19 pandemic, the world was confronted with drastic changes that led to challenges, transversal to society. Social inequalities between countries and countries were evidenced, with greater impact on the most vulnerable groups, in poverty or migration. These challenges were particularly reflected in the area of education, highlighting the vulnerabilities of the existing educational model. In the face of an unprecedented crisis, the potential arising from the use of digital technologies, the adaptation of the educational community, as well

as the resilience of teachers and students, stood out. This text emphasizes the importance of the use of digital technologies, as facilitators of educational and intercultural integration.

Digital technologies in education allow students from different countries and cultures to be integrated, preparing them for the reality of a global, plural and changing world of work. This method, although closer to the social reality, has the limitations, being more adapted to certain target audiences and requiring the student to have a high organization and automotive capacity. Traditional teaching, by stimulating the closer relationship between the teacher and the student, creates a safety net for the student, not leaving him so dependent on himself, forcing him to maintain a constant learning routine. Teaching and learning, at a distance or in person, are distinct realities. The objective is to identify the pillars of each model, strengths and constraints.

It is important to take advantage of the challenges that the pandemic has imposed as opportunities, implementing appropriate policies, innovative solutions, supporting teachers, empowering them and improving their skills, as well as that of their students, promoting training in the technological field (Ramos, 2016; Ramos & Lopes, 2021). In an era of globalization and increasing multi/interculturality based on unprecedented technological evolution, the in(success) of teaching, learning and society depend on the definition of policies, open, inclusive and flexible methodologies that integrate the social and cultural diversity in which we live, and are adaptable to adverse and atypical situations. Harnessing these lessons to develop sustainable policies can not only help overcome the current crisis, but also prepare for further future adversities, reducing inequalities and making education increasingly inclusive and quality.

Keywords: Globalization, Interculturality, Education, Digital Technologies.

1. Introdução

A crescente mobilidade da população mundial aliada a um avanço das tecnologias da informação e comunicação, tem criado um aumento da interação social, profissional e estudantil, que deixou de ser presencial e pontual para poder ser digital (através da internet) e constante, reduzindo distâncias e permitindo a criação das mais variadas redes pelo mundo. De forma a potenciar esta interação é importante adquirirmos novas competências académicas, profissionais, pedagógicas, tecnológicas, (inter)culturais e sociais. Esta necessidade é real e existe há décadas, não devendo ser vista como uma inevitabilidade pontual que decorreu da pandemia da COVID-19, mas como uma imprescindibilidade no desenvolvimento sociocultural futuro.

A importância da inclusão das tecnologias digitais nas mais variadas áreas da sociedade em particular na educação é assim, indispensável. A sua relevância vai além da integração cultural e deve ser feita de forma sustentada flexibilizando o acesso à educação, aspeto determinante para a inclusão social e conseqüente melhoria nas condições de vida e na redução da pobreza. As tecnologias digitais permitem a aproximação de alunos menos favorecidos a uma educação de qualidade, reduzindo as diferenças entre os países mais ricos e mais pobres e promovendo a equidade.

Em Portugal, o ensino a distância é preconizado desde 1988 pela Universidade Aberta, e tem ganho enfoque na sociedade pela sua capacidade de responder a necessidades de públicos-alvo diferenciados e transnacionais, sejam estudantes nacionais ou internacionais, residentes em Portugal ou noutros países e que são o reflexo da sociedade mutável, plural e tecnológica em que atualmente vivemos (Bates, 1995; Ramos, 2009 a, b, 2016; Sobral & Ramos, 2012, 2013; Ramos & Lopes, 2021).

No primeiro triénio de 2020, quando o mundo foi confrontado com a pandemia COVID-19, houve inevitáveis impactos na sociedade nas mais diversas áreas, de entre as quais na educação. Instituições

educativas, nomeadamente as de ensino superior, deixaram de poder lecionar de forma presencial. As desigualdades aos mais variados níveis acentuaram-se. Não foram apenas as desigualdades socioeconómicas, sanitárias e o risco de infeção que se agravaram. As diferenças não afetaram apenas os grupos mais frágeis, os mais vulneráveis como sejam os cidadãos em risco de pobreza ou imigrantes, mas impactaram também os cidadãos, profissionais e educadores com menos preparação tecnológica.

O reflexo da crise pandémica observou-se transversalmente na sociedade colocando em destaque as vulnerabilidades, quer na função pública, quer nas empresas, quer em particular na comunidade educativa, ao nível da formação docente em tecnologias de informação e comunicação, e, das práticas metodológicas de ensino. No entanto, a resiliência da comunidade educativa permitiu encarar este desafio como uma oportunidade de inovar, evoluindo para um ensino remoto em tempo de pandemia, assente nos princípios do ensino presencial, mas mediado pelas tecnologias digitais. Neste processo têm sido criadas novas oportunidades, e, adaptadas metodologias de forma a ultrapassar o desafio que se impôs com o encerramento das Instituições de Ensino Superior e criar novas possibilidades de manter a educação. Dado o sucesso e o impacto positivo de algumas alterações metodológicas impostas é expectável que as mesmas sejam integradas de forma inovadora e definitiva no processo educativo (Moreira *et al.*, 2020; Ramos & Lopes, 2021).

Neste texto, dá-se especial ênfase ao impacto positivo que as tecnologias de comunicação e informação tiveram na educação num período tão conturbado da história mundial. Destacam-se as mudanças no paradigma e praxis educacional aos mais variados níveis, ou seja, quer ao nível da formação, quer em termos de colaboração entre organizações e acima de tudo numa maior integração e valorização das tecnologias digitais no âmbito da educação, salientando-se as vantagens que as Instituições de Ensino Superior, digitalmente mais avançadas, tiveram para fazer face às alterações impostas, sobretudo as que já eram Universidades de Ensino a distância, como é o caso da Universidade Aberta em Portugal (Ramos & Lopes, 2021).

O texto termina com uma abordagem do que pode ser o futuro do ensino em Portugal. Para esta abordagem consideraram-se os dados recolhidos em entrevistas individuais, a docentes de Universidades e Institutos Politécnicos em Portugal. Através dos seus depoimentos foi possível concluir que, não foi apenas a Universidade Aberta que oferecia uma aprendizagem *online*, que foi um caso de sucesso educativo. Várias outras Instituições conseguiram em poucos dias, implementar alternativas para manter a qualidade do ensino, apesar dos desafios que essa evolução ditou, nomeadamente ao nível da falta de acesso dos alunos a computadores e a redes estáveis de internet.

O evoluir da educação presencial para um modelo híbrido já era uma realidade pré-pandemia, apesar de ainda estar numa fase embrionária (Caliari *et al.*, 2017). A pandemia acelerou um processo por si só inevitável ao impor uma necessidade de formação docente, e a aquisição de *hardware*, *software*, que permitiu adaptar as salas de aula com câmaras e sistemas de som, deixando as Instituições preparadas para manter a sua oferta educativa num período de crise e fazer face a situações adversas futuras.

2. Resposta da Comunidade Educativa aos Efeitos da Pandemia na Educação

O SARS-COV-2 (síndrome respiratória aguda grave – coronavírus 2) é um vírus de rápida disseminação, altamente mutável e que tem provocado desde o seu aparecimento grande preocupação, impondo restrições à sociedade em geral, nomeadamente ao nível da circulação e consequentemente com impactos inevitáveis na educação. O número de alunos em Portugal ao abrigo do programa ERASMUS diminuiu substancialmente no ano letivo de 2020/2021, tendo neste caso o ensino a distância, preconizado pela Universidade Aberta, sido essencial para a manutenção da inclusão e da diversidade cultural no ensino superior, que é fundamental para a futura integração e mobilidade profissional dos estudantes. No entanto, muitos alunos estrangeiros de ERASMUS que tradicionalmente escolhem Portugal para estudar não escolhem a Universidade Aberta, onde o ensino apesar de ser mais flexível e adaptável a qualquer circunstância é totalmente assíncrono, mais assente no aluno, na sua autonomia e automotivação. Este grupo de alunos prefere uma Instituição de Ensino Superior tradicional, onde interagem fisicamente com professores e colegas, conhecem o país e em particular a região onde estudam. As imposições à livre circulação das pessoas impactaram no número de alunos que aderiram ao programa ERASMUS, com efeitos na riqueza cultural dos alunos que frequentam as Instituições de Ensino Superior.

As imposições de distanciamento decorrentes da COVID-19, não deveriam, todavia, significar isolamento. Ao longo deste ano e meio os contactos sociais foram sendo redesenhados aos mais variados níveis. O contacto presencial, as redes foram transferidas para contactos digitais, quer ao nível das relações pessoais, quer em termos profissionais. Sobre este redesenho das redes importa referir dois aspetos essenciais, um positivo e um negativo. Em termos positivos, é preciso exaltar a colaboração intrínseca que se gerou, dentro e entre departamentos das Instituições de Ensino Superior, e, entre Instituições distintas, quer em Portugal, quer ao nível internacional (Sales, 2020).

“Desde o início do confinamento, têm sido organizadas múltiplas sessões de trabalho colaborativo, quer com outros países, entre os quais se destacam o Brasil e Angola, quer com organizações nacionais, com vista à valorização e partilha de práticas e experiências educacionais. A Universidade Aberta, a universidade pública portuguesa de ensino a distância, tem colaborado de várias formas nestas iniciativas, através de ações de formação, partilhando a sua experiência em ensino a distância e *e-learning*, ajudando a evidenciar os desafios e soluções possíveis para melhorar a qualidade do ensino, e facilitando uma transição realizada de uma forma mais inesperada e abrupta do que seria desejável, dado o contexto novo e de emergência em que as instituições e comunidades educativas se viram confrontadas” (Ramos & Lopes, 2021, 126).

Em termos negativos destaque para o *stress*, ansiedade e desgaste psicológico que o isolamento social criou quer nos docentes, quer nos próprios alunos que em muitos casos não tinham condições nas suas casas, nem tecnológicas, nem para a concentração necessária ao acompanhamento das aulas (Duan & Zhu, 2020; Han & Mosqueda, 2020).

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, os impactos psicológicos negativos decorrentes das alterações impostas pela pandemia, levaram a um aumento do isolamento social que afetou a autonomia e a socialização, que nalguns casos teve como consequência o abandono escolar (UNESCO, 2020). De forma a minimizar os impactos tem sido fundamental apoiar os estudantes e professores face às mudanças e dificuldades que enfrentam aos níveis psicológico, pedagógico, tecnológico e social. A título de exemplo, na Universidade Aberta foram feitas conferências semanais para abordar os efeitos e os impactos na pandemia na vida estudantil, analisando-se a forma de ultrapassar as dificuldades que os estudantes enfrentavam, motivando-os a conseguir ultrapassar as dificuldades que lhes tinham sido impostas. As Instituições do Ensino Superior também desenvolveram estratégias de forma a apoiar os professores nos novos desafios que enfrentam nomeadamente a nível tecnológico. Tendo presente que a resposta para os problemas da sociedade atual multi/intercultural, digital, passa por uma educação de qualidade, transnacional e inclusiva a todos os segmentos da sociedade, conforme é reconhecido pela União Europeia e pela UNESCO (UNESCO, 2005, 2020; RAMOS, 2007, 2009, 2016; EC, 2011), importa estender estas ações a um nível mais sociocultural e psicossocial: através da criação de programas inclusivos dirigidos aos alunos mais vulneráveis, aos mais afetados por dificuldades sociais, económicas ou psicológicas, combatendo a discriminação, a estigmatização e a exclusão que esta situação pandémica pode criar entre os estudantes (UNESCO, 2020a,b,c; Ramos & Lopes, 2021).

Um dos pilares de sucesso em termos de resposta educativa assenta na resiliência e na vontade de Instituições, professores e estudantes dos diversos níveis de ensino. Foi a comunidade educativa com recurso às tecnologias digitais, que fez com que a educação fosse reestruturada e inovada, tentando que a equidade se mantivesse. Na Universidade Aberta, cujo ensino já era a distância, as alterações foram mínimas. Em concreto nas Instituições de Ensino Superior tradicionalmente presenciais foram implementadas aulas síncronas, com o paradigma das aulas presenciais, tentando que por esta via o contacto professor-aluno se mantivesse. Ao longo do período de crise que se tem vivido, as aulas totalmente síncronas foram nalgumas Instituições de Ensino Superior alternando com um modelo misto, menos disruptivo em que as turmas foram divididas em dois grupos, intercalando os grupos entre aulas presenciais ou através de videoconferência. Apesar do modelo misto poder ser ainda um dos modelos que vai ser implementado neste ano que agora se inicia, tem várias desvantagens. Vários docentes entrevistados referiram que é mais difícil manter o acompanhamento da turma quando a mesma está repartida entre a sala de aula e a videoconferência. A preferência por aulas totalmente presenciais ou totalmente em videoconferência é manifestada pelos professores. No entanto, é importante realçar que algumas Instituições para flexibilizar este modelo misto passaram a ter dois docentes a acompanhar a

turma, garantindo assim equidade para os alunos em casa e na sala de aula. A aposta neste modelo misto tem sido uma tentativa de minimizar os impactos do isolamento que, como exposto, pode afetar notoriamente o desempenho dos estudantes, assim como minimizar as situações dos alunos que não têm instalações com qualidade para assistir às aulas síncronas, por falta de computador ou mesmo espaço físico adequado (Ramos & Lopes, 2021).

2.1. A importância da formação docente

O (in)sucesso do ensino baseia-se em três fatores: no aluno, no meio social e na instituição escolar, a partir da relação que este estabelece entre o professor e o aluno, o que implica que a aprendizagem deve ir além dos conteúdos predefinidos (SILVA, 2010). O modelo pedagógico deve tirar partido da sociedade de informação e do conhecimento global em que vivemos, valorizando-se o estabelecimento de relações entre o conhecimento e a sociedade, o que permite uma melhor integração social e favorece o estabelecimento de relações interculturais, assim como uma educação aberta, inclusiva, digital e em rede (AIRES, 2007; RAMOS, 2007, 2008, 2016; DIAS, 2013).

Com a evolução do modelo pedagógico, promove-se a qualidade e inclusão educacional. Um dos aspetos que dificulta esta evolução assenta na resistência à mudança, por parte dos responsáveis das Instituições e de professores, que impacta negativamente na qualidade do ensino superior. A pandemia decorrente do vírus da COVID-19, por força das circunstâncias, quebrou inevitavelmente essa resistência. Os professores tiveram que se adaptar a uma realidade tecnológica e digital. Gerou-se a oportunidade de desenvolver competências em profissionais resistentes à mudança, adaptando-os a novos contextos tecnológicos e digitais. Esta formação ocorreu de várias formas, numa primeira fase por intermédio dos colegas, e numa fase posterior em contexto formal organizada pelas instituições em que os docentes lecionavam. Paralelamente também foram implementadas várias ações de formação com o apoio da Universidade Aberta, que colaborou ativamente com os seus pares e com as Escolas, num momento de adaptação sem precedentes.

No entanto, a formação que os docentes precisam é contínua e vai além de uma formação ao nível das tecnologias digitais. Esta necessidade não é exclusiva de um modelo pedagógico, todos os docentes independentemente do tipo de ensino em que lecionam precisam de atualizar as suas competências. No mundo global em que vivemos, é importante que a formação além de direcionada para a evolução tecnológica, seja também vocacionada para o desenvolvimento de competências inter(culturais), pedagógicas e comunicacionais de modo a apoiar os professores na construção de soluções de aprendizagem dinâmicas, interativas e integrativas (Ramos, 2007, 2016; Ramos & Lopes, 2021). Apesar das aulas em videoconferência serem assentes no modelo pedagógico presencial, não deveriam limitar-se a uma transposição de conteúdos. Dever-se-ia tirar partido das novas tecnologias que permitem, por exemplo, criar salas paralelas de debates entre grupos de trabalho, que numa sala física se torna mais

complexo pelo espaço limitado para os separar. Outro aspeto importante é que os professores não foram formados para integrar alunos provenientes de outros países, culturalmente distintos, com uma língua e cultura diferentes. Apoiar os professores nesta integração é essencial para evitar a exclusão de grupos específicos ou social e culturalmente mais vulneráveis, como sejam os migrantes e refugiados.

Um maior domínio de novos instrumentos metodológicos ajuda os professores a melhorar o seu desempenho, com impacto positivo na aprendizagem dos alunos que orientam. O desenvolvimento de competências pedagógicas, inter(culturais) e tecnológicas é essencial para promover o ensino e a aprendizagem pluri/intercultural, respeitar a individualidade do aluno e consolidar o estabelecimento da relação entre o “eu” e o “outro” (Hall, 1978; Brislin & Yoshida, 1994; Morin, 2000, 2006, 2014; Ramos, 2007, 2008, 2009a, b; Nunes & Ramos, 2018). As tecnologias flexibilizam o estabelecimento de modelos alternativos para propiciar esta inclusão, mas é o acompanhamento dos professores que garante a qualidade do processo e da aprendizagem dos alunos.

2.2. O ensino pós-pandemia

As tecnologias de informação foram um enorme contributo, e, determinantes como base para ultrapassar a situação pandémica que se tem vivido, mantendo um ensino equitativo e de qualidade.

Não é objetivo da comunidade educativa que o ensino passe a ser a distância (EaD), o que se pretende realçar é que a emergência que se criou demonstrou que deve ser definido pelas Instituições de Ensino Superior um modelo educativo assente no modelo pedagógico tradicional, mas consubstanciado no recurso às tecnologias digitais.

Existe hoje ainda alguma incerteza sobre o novo ano letivo, as várias Instituições Superiores de Ensino definem abordagens distintas, no entanto, é notório entre a classe docente que as aulas presenciais são importantes, especialmente nos ciclos mais baixos. A figura e presença do professor é indispensável para os estudantes que recorrem ao modelo de ensino tradicional, sendo a mesma mais rica presencialmente, apesar de se conseguir através das aulas em videoconferência.

Contudo, é claro e notório que existem momentos em que as videoconferências são essenciais e serão para manter. O acesso a oradores espalhados pelo mundo tornou-se agora mais simples, menos custoso e agilizado através deste tipo de aulas. As sessões com *experts* das mais variadas áreas, podem agora ser mais constantes, melhorando o acesso à informação e ajudando a preparar melhor os alunos. Também as aulas teóricas, em algumas Instituições, podem passar a ser lecionadas em regime de *b-learning*. Esta solução permite o acesso a públicos-alvo que tradicionalmente não conseguiam estudar em algumas universidades portuguesas, por serem trabalhadores-estudantes e terem dificuldades em organizar o tempo ou pela distância entre a sua residência e a Instituição de Ensino Superior.

Outro aspeto que ficou patente e que foi realçado nas entrevistas aos docentes advém da avaliação dos alunos. Com vista a garantir a fiabilidade das avaliações foram tomadas várias medidas de segurança, quer através do uso de *browser* seguros, quer pelo desenho dos próprios instrumentos de

avaliação, entre outras. Um aspeto que ficou claro, também pela necessidade de competências tecnológicas dos próprios alunos, é que existem outros aspetos que devem ser avaliados. A avaliação deve ser mais aberta, colaborativa, diversificada e contínua, e, não tão dependente de um exame final. Um feedback mais contínuo ao aluno ajuda-o a compreender e a aprender melhor determinada matéria, tendo depois mais sucesso na sua aplicabilidade. Refletir sobre a aprendizagem permite ao aluno identificar os aspetos de menor sucesso tornando-os mais autónomos, facilitando a sua mudança de identidade e o seu sucesso individual (Nicol & MacFarlane-Dick, 2006; Boud & Molloy, 2013; Crisp, 2020).

É importante realçar que não existe um único modelo educativo, mas sim vários modelos que podem existir em paralelo de forma a dar resposta a todos os públicos-alvo. O importante é que a comunidade educativa saiba que vivemos numa sociedade em mudança, aberta, digital, transnacional, em que é importante acompanhar e produzir inovações, em particular no contexto de ensino que é fundamental para a evolução da sociedade (Dias, 2013; Sales, 2020).

3. Conclusão

Em Portugal existem vários tipos de estrangeiros que ascedem ao ensino tradicional, alunos de ERASMUS, alunos internacionais, alunos ao abrigo de programas de intercâmbio específicos entre Instituições de Ensino Superior e alunos imigrantes residentes em Portugal. Este número tem aumentado ao longo da última década e a maioria das instituições não tem adaptado os seus programas em função deste aumento, nem tem preparado os docentes para a sua integração. Num mundo cada vez mais plural, aberto e interdependente também ao nível do ensino é essencial que este acompanhamento prolifere. É um fato que a realidade de acompanhamento e integração dos mesmos nas Instituições de Ensino Superior é distinta, depende das suas condições sociais, das suas origens e motivações para integrarem o ensino superior português, no entanto, em ambos os casos os docentes que os acolhem fazem-no em geral de forma intuitiva, com entrega e altruísmo, mas sem nenhum tipo de formação cultural prévia, ou seja, existe uma necessidade de desenvolvimento e melhoria das competências interculturais que precisam de ser trabalhadas. Acolher estes estudantes provenientes de todo mundo é um desafio da geração atual. Os docentes são resilientes e com base na sua motivação e vontade individual, desenvolvem planos de ação próprios para a inclusão dos alunos culturalmente distintos, contudo uma ação coordenada poderia ser frutuosa e positiva para a melhoria crescente da educação. Revela-se importante debater soluções e estratégias e implementar políticas e práticas educativas transversais que integrem todos os alunos, fornecendo-lhes oportunidades de aprendizagem equitativas e que os preparem para o mundo profissional transnacional, digital e plural em que atualmente vivemos. A educação está perante desafios tecnológicos e interculturais que podem ser ultrapassados com sucesso, mas para isso devem-se dotar as instituições e os docentes de ferramentas e competências que

os ajudem a potenciar as características culturais e individuais dos alunos, salvaguardando a diversidade e valorizando-a enquanto forma de ensino transnacional e indispensável numa era global e digital.

Num momento de adaptação, de desenvolvimento de sociedades interculturais e em rede, vive-se a oportunidade de criar um modelo pedagógico adaptado às novas realidades com que nos deparamos. Uma realidade cada vez mais plural e complexa, em que as crises humanitárias existem, as crises pandémicas podem ocorrer limitando a nossa autonomia pessoal e liberdade individual. Neste contexto, a educação deve ser privilegiada, permanente, ser equitativa, transversal e fundamentalmente deve abranger todas as franjas da sociedade, não só a sociedade nacional, mas também todas as sociedades nos diferentes lugares do planeta.

E o que fazer relativamente ao futuro do ensino? Deverá esse modelo ser online?

As opiniões dos docentes não são unânimes apesar da maioria preferir voltar a um modelo tradicional e presencial. Ainda assim, alguns docentes referiram que preferiam que todas as aulas teóricas se mantivessem em regime online. No entanto, todos assumem que a tecnologia veio para ficar e todos eles terão, mesmo que não agrada a alguns, uma maior componente tecnológica no seu futuro.

Os alunos têm opiniões distintas de acordo com a sua idade, mas para os mais novos (faixa dos 18-24 anos) é indiscutível que as aulas devam ser presenciais. Esta faixa etária precisa do contacto e socialização que decorre destes momentos, e essa interação é fundamental para o seu sucesso.

Ainda é precoce pensar numa mudança de paradigma do ensino presencial para a distância, mas é possível pensar, em pequenas mudanças em ciclos mais avançados, para alunos mais velhos, mais autónomos e com mais maturidade.

Ainda assim o objetivo deste texto não é o de referir que é necessário manter o ensino com distância, com o recurso sistemático a aulas em videoconferência, como se fez ao longo dos últimos semestres, mas sim potenciar a possibilidade de criar modelos que podem ser específicos de alguns cursos numa Instituição, e, que contemplem as mutações que podem ocorrer na sociedade, potenciem o equilíbrio educativo e capacitem os estudantes para melhor desenvolverem as suas competências. Em resumo, a ideia não é fazer uma mudança drástica mas sim aproveitar a oportunidade que a pandemia criou, e incluir soluções híbridas que permitam a aproximação a alunos estrangeiros e a alunos nacionais que noutras circunstâncias não poderiam sequer sonhar com o seu desenvolvimento educacional e pessoal. Até agora esta oportunidade de acesso ao ensino superior por pessoas mais velhas residentes em qualquer lugar tem sido preconizada pela Universidade Aberta. Numa altura em que a educação é cada vez mais importante para diminuir desigualdades sociais e acabar com os estigmas e preconceitos existentes na sociedade, criar novas oportunidades de ensino, alargar a oferta a todos os públicos-alvo é melhorar o ensino e o futuro da sociedade.

Para isso, acima de tudo, deve-se começar por promover a formação, quer aos professores quer aos estudantes, potenciando a utilização de meios tecnológicos mais interativos, que permitam o desenvolvimento de competências específicas e interculturais mais abertas e integrativas. Um desenvolvimento sustentável e equitativo vai contribuir para se ultrapassarem: os réstios de crise

pandémica que ainda perduram; as desigualdades emergentes; e, serem um pilar para que numa futura crise pandémica, a base não seja a resiliência da comunidade educativa, mas sim as boas práticas educativas adequadamente desenvolvidas. A concretização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas é um desafio que pode ser superado, com o impulso de desenvolvimento que a própria crise impulsionou, através do desenvolvimento de instituições de forma efetiva, responsável e inclusiva a todos os níveis.

Bibliografia

- AIRES, L. (Coord.), (2007). *Comunidades virtuais de aprendizagem e identidades no ensino superior*. Lisboa: Universidade Aberta.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (2020). *Pandemics*. APA.
- BATES, A. (1995). *Technology, open learning and distance education*. London: Routledge.
- BOUD, D., & MOLLOY, E. (2013). Rethinking models of feedback for learning: the challenge of design. [Online] Disponível em: <https://www.researchgate.net> [Acedido em 23 de julho de 2021]
- BRISLIN, R.; YOSHIDA, T. (1994). *Intercultural communication training: An introduction*. Thousand Oaks: CA, Sage.
- BYRAM, M. (1997). *Teaching and assessing intercultural communicative competence*. Clevedon: Multilingual Matters.
- BROOKS, S., et al. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The Lancet*, 395 (10227), 912-920.
- CALIARI, K., ZILBER, M., PEREZ, G. (2017). Tecnologias da informação e comunicação como inovação no ensino superior presencial: uma análise das variáveis que influenciam na sua adoção. *REGE – Revista de Gestão* [Online] 24(3), 247-255. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com> [Acedido em 15 de setembro de 2021]
- CASTELLS, M. (2007). *Sociedade em Rede. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CHOI, H., IRWIN, M., CHO, H. (2015). Impact of social isolation on behavioral health in elderly: Systematic review. *World J Psychiatry*, 5(4), 432-438.
- CRISP, E. (2020). Leveraging Feedback Experiences in Online Learning. *Educase*. [Online] Disponível em: <https://er.educause.edu> [Acedido em 23 de julho de 2021]
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS (2020). Resposta à pandemia de COVID-19 num contexto de desigualdades sociais em saúde: um estudo transversal na população nativa e imigrante da Amadora. Lisboa, 8, setembro.
- DIAS, P. (2013). Inovação pedagógica para a sustentabilidade da educação aberta e em rede. *Educação, Formação & Tecnologias*, 6(2), 4-14.
- EUROPEAN COMMISSION. (2011). *Key Data on Learning and Innovation through ICT at School in Europe 2011*. Brussels : EACEAP9 Eurydice.
- HALL, E. (1978). *Au-delà de la culture*. Paris: Seuil.
- HODGES, C., MOORE, S., LOCKEE, B., TORREY, T., BOND, A. (2020). The difference between emergency remote teaching and online learning. [Online] Disponível em: <https://er.educause.edu> [Acedido em 5 de julho de 2021]

- JIAO, W. et al. (2020). Behavioural and emotional disorders in children during the COVID-19 epidemic. *The Journal of Pediatrics*, 221, 264-266.
- MOREIRA, J., HENRIQUES, S., BARROS, D., GOULÃO, M., CAEIRO, D. (2020). Educação Digital em Rede: Princípios para o *design* pedagógico em tempos de pandemia. Lisboa: Universidade Aberta.
- MORIN, E. (2000). Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez.
- MORIN, E. (2006). Saberes Locais e Saberes Globais, o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond Universitária.
- MORIN, E. (2014). Ciência Com Consciência. São Paulo: Bertrand Brasil.
- NICOL, D. & MACFARLANE-DICK, D. (2006). Formative assessment e self-regulated learning: a model e seven principles of good feedback practice. *Semantic Scholar*. [Online] Disponível em: <https://www.semanticscholar.org> [Acedido em 22 de Julho de 2021]
- NUNES, I., RAMOS, N. (2018). Formação docente e multi/interculturalismo: algumas reflexões. *Linguagens, Educação e Sociedade*, 23, 180-198.
- PEREIRA, A.; QUINTAS-MENDES, A.; MORGADO, L. (2012). Educação On-line no Ensino Superior: um programa de doutoramento em educação a distância e e-learning na Universidade Aberta (Portugal). *Revista Teias* 13(30), 313-333.
- RAMOS, N. (2007). Sociedades multiculturais, interculturalidade e educação. Desafios pedagógicos, comunicacionais e políticos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41(3), 223-244.
- RAMOS, N. (Coord.). (2008). Educação, Interculturalidade e Cidadania. Bucareste: Milena Press.
- RAMOS, N. (2009a) Diversidade cultural, educação e comunicação intercultural: políticas e estratégias de promoção do diálogo intercultural. *Revista Educação em Questão*, Natal, 34(20), 9-32.
- RAMOS, N. (2009b). Educar e formar na sociedade multi/intercultural – Contributos para a comunicação intercultural e cidadania. In: MACHADO, G.; SOBRAL, N. (Org.) *CONEXÕES – Educação, Comunicação, Inclusão e Interculturalidade*. Porto Alegre: Redes Editora, pp.15- 37.
- RAMOS, N. (2016). Tecnologias digitais de informação e comunicação, interculturalidade e formação docente. EDAPECI, *Revista de Educação a Distância, Práticas Educativas, Comunicacionais e Interculturais*. Aracaju, UFS, 16(1), 9-30.
- RAMOS, N.; LOPES, A. (2021). Desafios da Educação a distância em tempos de pandemia. In: OLIVEIRA, A.; SCHÜTZ, J.; AMARAL, M. (Org.) *Vozes da Educação*. Cruz Alta: Editora Ilustração, pp.117-138.
- SALES, J. (2020). Ensino a distância e Semi-presencial. IN: G4 (coord.). *Ciclo de 3 Simpósios sobre o Ensino Superior Presencial vs. Semi-Presencial e a Distância*, Angola, UAb.
- SANTOS, M., RAMOS, N. (2017). Práticas pedagógicas e escolhas tecnológicas na Universidade Aberta, Portugal. In PINA, H.; MARTINS, F. (Org.), *The overarching issues of the European space: society, economy and heritage in a scenario towards greater territorial cohesion*. Universidade do Porto. Faculdade de Letras, pp. 58-66.
- SILVA, S. (2011) Itinerários de Aprendizagem Colaborativa Cooperativa em Contexto *Online*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SOBRAL, M. N.; RAMOS, N. (2012). Processo de Bolonha e internacionalização do ensino superior. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 8, 107-115.
- SOBRAL, N.; RAMOS, N. (2013). Integração das tecnologias da informação e comunicação na formação docente em Portugal (2005- 2010). *Revista Praxis Educacional*, 9(14), 103-122.
- UNESCO. (2005). Convention sur la Protection et la Promotion de la Diversité des Expressions Culturelles. Paris: UNESCO.

- UNESCO (2020a). COVID-19 Impact on Education.
- UNESCO (2020b). COVID-19: Unesco divulga 10 recomendações sobre ensino a distância devido ao novo coronavírus.
- UNESCO (2020c). Supporting teachers in back-to-school efforts: guidance for policy-makers.
- UNIVERSIA PORTUGAL. (2020a). COVID-19 e o seu Impacto no Ensino Superior em Portugal.
- UNIVERSIA PORTUGAL. (2020b) Modelos de aprendizagem em tempos de COVID-19: do presencial para o *online*.
- ZHOU, F., et al. (2020). Clinical course and risk factors for mortality of adult inpatients with COVID-19 in Wuhan, China: a retrospective cohort study. *The Lancet*, 395(10229), 1054-1062.
- WANG, C., PAN, R., WAN, X., TAN, Y., XU, L., HO, C. (2020). Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 Coronavirus Disease (COVID-19) epidemic among the general population in China. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(5), 1729.
- WEISS, P., MURDOCH, D. (2020). Clinical course and mortality risk of severe COVID-19. *The Lancet*, 395(1022),1014-1015.
- WEAVER, H. (2008). Striving for cultural competence: Moving beyond potential and transforming the helping professions. In R. Dana; J. Allen (Eds.), *Cultural competency training in a global society*. New York: Springer, pp. 135-155.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (2020). Mental health and psychosocial considerations during the COVID-19 outbreak. Geneva: OMS.